



## Tania Camara e Marcelo Mattos entrevistam João Luís Ceccantini, Eliane Galvão e Thiago Alves Valente, organizadores do livro *Literatura Infantil e Juvenil na Fogueira*

Tania Camara and Marcelo Mattos interview João Luís Ceccantini, Eliane Galvão and Thiago Alves Valente, organizers of the book *Literatura Infantil e Juvenil na Fogueira*

**L**iteratura Infantil e Juvenil é coisa séria. Durante muito tempo, porém, foi preconceituosamente avaliada como produção de menor importância, em momentos em que a sociedade em geral entendia que qualquer texto produzido com palavras cotidianas, bem-humorado e de fácil compreensão poderia entreter uma criança e um jovem. Era, pois, encarada como a prima pobre ou a filha bastarda da Literatura para adultos, não merecedora de olhares cuidadosos, tampouco de estudos específicos.

À custa de muito esforço, de muitas discussões e de embates de diferentes naturezas, uma nova visão veio e ainda vem sendo construída, cabendo, entre outros espaços, ao grupo de trabalho (GT) de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), por meio do trabalho docente dos membros que compõem o grupo, colocar as atividades de leitura em todos os níveis de ensino e, especialmente, a literatura infantil e juvenil no patamar de importância que a elas cabe.

Em momentos sombrios e ameaçadores, quando a reflexão e o pensamento crítico da sociedade constituem ameaças e obstáculos para o estabelecimento e a manutenção do autoritarismo e da força contra o saber, a relevância da obra *Literatura infantil e juvenil na fogueira*, publicada pela Aletria Editora, em 2024, evidencia-se. Resultado do encontro em reuniões presenciais e remotas, os membros do GT amadureceram a ideia da publicação de uma obra que representasse a resistência contra um sistema nefasto que colocasse em risco os ideais democráticos.

Foi assim que, escolhidos pelo grupo, os professores João Luís Ceccantini, Eliane Galvão e Thiago Alves Valente organizaram a obra em pauta, cujos capítulos buscam discutir e salientar o



recente comportamento de setores da sociedade brasileira que defendem a censura moralista e o cancelamento, característicos do “politicamente correto” em relação a obras literárias infantis e juvenis, entre as quais se encontram clássicos da literatura brasileira e universal.

Seguem as sete perguntas endereçadas aos organizadores, bem como suas respectivas respostas.

**MATRAGA | Como surgiu a ideia de reunir pesquisadores em torno da discussão sobre essa “censura que voltou a assombrar” autores e obras importantes da literatura infantojuvenil brasileira e universal?**

**OS ORGANIZADORES |** O GT “Leitura e Literatura Infantil e Juvenil” tem realizado, há anos, uma dinâmica de elaboração de obras temáticas, envolvendo o maior número de membros possível e geralmente com ampla representação nacional. A obra em foco nasceu a partir do relato de eventos presenciados em escolas, bibliotecas e universidades de todo o país, ou mesmo no estrangeiro, entre outros espaços, caracterizados por manifestações de cerceamento ou repulsa a determinadas obras literárias que, em boa parte das vezes, receberam importantes prêmios literários, ou têm sido objeto de intensa valorização por especialistas e pesquisadores. As discussões se deram tanto por meio de nossas reuniões *on-line*, periódicas, quanto por meio dos encontros presenciais promovidos pela ANPOLL.

**MATRAGA | A sociedade brasileira está se tornando mais conservadora? Como vocês avaliam esse fenômeno no que se refere a um caráter moralista que responde por grande parte desse gesto contemporâneo de censura?**

**ORGS. |** Uma das respostas possíveis para essa questão é olhar para o contexto brasileiro em uma perspectiva mais ampla, retrocedendo a um passado não muito distante: a desconfiança em relação a livros, especialmente os literários, não é novidade em nossa cultura. Nesse sentido, muitas vezes avessas ao pensamento crítico, de qualquer matriz ideológica, acabaram por encontrar, nas agora onipresentes redes sociais, ouvintes desprevenidos ou mesmo receptivos a falas apelativas, catastróficas ou amedrontadoras, sobre livros de boa qualidade literária. São obras postas contra a parede que estão sendo lidas, equivocadamente, como meros “espelhos da verdade”, mas não efetivamente como literatura de significativo valor estético e, portanto, livre no seu afã de instaurar estranhamento, tensões, provocações, representações libertárias, complexas e inovadoras, experimentação nos gêneros e na linguagem, entre tantos outros aspectos.

**MATRAGA | Vocês observam que há, em setores progressistas, uma cobrança em relação a autores que publicaram frases e/ou personagens acusados de desrespeitar o que se convencionou chamar de “politicamente correto”. É possível cobrar um artista, sobretudo de outro período histórico, nessa direção? O que vocês pensam sobre o “cancelamento” dos clássicos da literatura infantojuvenil percebidos como politicamente incorretos?**

**ORGS. |** Frente a um posicionamento de cobrança, não faz sentido corroborar a postura de cancelamento, justamente pelo caráter contextual de cada obra literária. Um dos aspectos

mais problemáticos do cancelamento não é o debate a respeito de autores e obras, mas a ação de expurgar, retirar, proibir a circulação ou mesmo a presença desta ou daquela obra literária em espaços institucionais. Mais grave que o cerceamento à leitura – o que empobrece e aniquila a possibilidade de discussões mais substanciais –, é alimentar a ideia de que jogar fora este ou aquele título contribui com causas legítimas, que, contraditoriamente, se tornam apequenadas mediante ações simbólicas muito controversas, como proibir, mutilar ou queimar (literalmente) livros. Muito mais produtivo, do ponto de vista de uma formação educacional levada a sério, é não fugir de obras que à sua época alcançaram grande reconhecimento pela sua excepcional qualidade literária, colocando-as em pauta e explorando as efetivas particularidades que foram valorizadas à sua época (ou mesmo depois), e destacando aquilo que possuem ainda de muito atual e relevante. Isso, sem escamotear, varrendo para debaixo do tapete, aspectos de diversa natureza que, embora pudessem fazer sentido à época dessa produção, hoje possam se revelar ultrapassados face a novos valores defendidos pela sociedade atual.

**MATRAGA | Livros voltados às crianças precisam ser sempre pedagógicos? Ou devemos aceitar a liberdade de autores e obras no sentido de que digam o que não necessariamente seria uma lição para as crianças? O que vocês pensam sobre isso?**

**ORGS.** | A discussão que embasa a divisão entre o pedagógico e o literário já foi bastante amadurecida nas últimas décadas. Aliás, uma obra brasileira teórica lapidar sobre o assunto está prestes a ser relançada, *O texto sedutor na literatura infantil* (1982), de Edmir Perrotti. Hoje, quando esse tipo de controvérsia é invocado no meio educacional ou familiar, temos uma prova contundente de que se fazem muito menos leituras consistentes do que o necessário sobre o papel da formação literária voltada a crianças e jovens no Brasil. Apesar de o tema ser abordado recorrentemente por muitos pesquisadores de peso das áreas de Letras e Educação, ainda salta aos olhos um número muito considerável de profissionais ligados à formação de leitores que não se dão conta das especificidades do texto literário e de seu papel na formação consistente de leitores.

**MATRAGA | É possível trabalhar criticamente a literatura infantojuvenil, de modo que se preserve a leitura integral de grandes obras sem, contudo, deixar de observar a inadequação de algumas delas quanto à visão contemporânea sobre temáticas identitárias e progressistas?**

**ORGS.** | Trabalhar criticamente envolve, necessariamente, uma preparação do mediador. Mediar, é importante lembrar, não significa transformar o texto literário em propaganda desta ou daquela causa, deste ou daquele tema. O caráter criativo e polissêmico da literatura é uma de suas bases mais importantes que justificam sua presença no espaço escolar; por isso mesmo, a “inadequação” é algo a ser contemporizado devidamente entre os educadores preocupados com o assunto, adquirindo uma consciência aguda da relevância de se levar em conta o contexto histórico do qual emerge uma determinada obra literária para a formação do leitor.



**MATRAGA** | Na opinião de vocês, esse clima de censura não institucional, que – nas palavras expressas do livro – é “liderado por organismos educacionais ou entidades civis”, pode cercear a liberdade criativa de novos autores? Como vocês veem a produção literária contemporânea sob o prisma de uma espécie de autocensura prévia?

**ORGS.** | Isso já vem ocorrendo, em muitos espaços, e de modo até mesmo institucionalizado, como no caso da aquisição de grandes acervos de obras literárias infantis e juvenis para bibliotecas escolares do ensino público ou privado. A decorrência mais imediata e óbvia é a repetição de fórmulas temáticas e formais, de tal modo que permitam ao livro circular sem grandes problemas, assim como sem transgredir, provocar seu leitor, ou seja, é a redução do espaço efetivo do autor para criar, inventar, inovar, instigar, surpreender por meio da palavra. Impõe-se toda uma barreira de “interdições” não necessariamente explicitadas (mas absorvidas, sub-repticiamente, como certo “espírito de época”) que constroem e limitam o processo de criação literária, assim como toda a mediação editorial a que são submetidos os originais de um livro infantil ou juvenil.

**MATRAGA** | Na abertura do livro, vocês mencionam a importância de “reverter os prejuízos da censura” sem, no entanto, “reproduzir o comportamento dos censores”. Como, na prática, seria possível esse procedimento? Qual a saída para reverter esse quadro de perseguição moral aos ficcionistas?

**ORGS.** | Em primeiro lugar, certamente, reconhecer que a formação de mediadores de leitura não tem avançado como deveria no Brasil é fundamental. As universidades são espaços essenciais para uma sistematização de conceitos e repertórios elementares ao trabalho com obras literárias na escola, mas deixam a desejar na medida em que não reconhecem a circulação do que chamamos de literatura infantil e literatura juvenil. Em segundo lugar, a aquisição e oferta de obras literárias reconhecidas pela crítica como importantes para a formação de leitores, de qualquer idade, deveria ser preocupação sistemática de bibliotecas públicas, escolares ou não. Ainda podemos pensar no papel da mídia como promotora de leitura, e não como espaço sensacionalista, o que tem acontecido com certa frequência tanto na “grande mídia” quanto nas redes sociais. É necessário contar com redes organizadas de disseminação de obras, explicações e abordagens empenhadas em chegar às famílias colocadas em pânico por canais e por personalidades equivocadas no modo de tratar obras literárias no momento vivenciado pela sociedade brasileira.

## REFERÊNCIA

CECCANTINI, João; GALVÃO, Eliane; VALENTE, Thiago Alves. **Literatura infantil e juvenil na fogueira**. Belo Horizonte: Aletria Editora, 2024.

